

Joelmir Beting

"A estabilização da economia é uma viagem e não um porto. E muito menos, um navio."

Kenneth Ewart Boulding, economista inglês



Caça aos efeitos

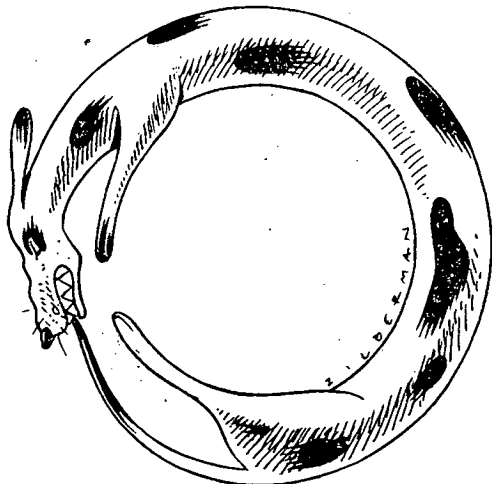
O presidente Itamar Franco bem que tentou silenciar sobre matéria econômica. Não resistiu. E voltou com a pilha toda: atacando os juros. Ou melhor: os lucros da intermediação financeira.

□□□ O presidente serve-se de ventríloquos de ocasião: governadores e congressistas que trafegam pelo seu gabinete em audiências de rotina. Agora foi a vez do governador Albuíno Azevedo, do Espírito Santo: "O presidente está angustiado com a lucratividade exorbitante dos bancos no primeiro semestre. O presidente acaba de me dizer que não vai sossegar enquanto a taxa de juros não baixar".

□□□ O próprio presidente vinha festejando a derrubada da taxa real de juros nos nove meses do seu mandato. Ela foi rebaixada de 34% para 16% ao ano. Ainda assim, na avaliação do presidente, os bancos continuaram ganhando muito dinheiro. "Até sem querer", diria Amador Aguiar, fundador do imperial Bradesco.

□□□ O monitor dos juros no sistema financeiro do Brasil não é o mercado. É o próprio governo, maior captador de poupança privada. A rolagem da dívida pública sustenta os juros no alto e em alta. E essa dívida indexada tende a crescer — se o governo não sanear suas contas e não fechar seus rombos. Essa verificação é acaciana. Mas não, necessariamente, palaciana.

□□□ O impasse salarial em que se meteu o governo ameaça alargar rombos na Previdência e nas estatais. Essa é a expectativa dos investidores que mamam nas



tetas gordas da dívida pública. Tanto assim que os juros voltam a subir, devidamente guinchados pelo Banco Central — não pelos banqueiros gulosos.

□□□ Nesta entrada de agosto, por exemplo, o Banco Central jogou a taxa over, no mercado aberto, para 40,50%, projetando para o mês juros efetivos de 34,31%. Rápidos no gatilho, os agentes financeiros já sacaram: o Banco Central projetou inflação mensal de 32,76% no primeiro dia útil de agosto. Ou seja: a autoridade monetária, até por dever de ofício, avisa que a inflação vai subir em agosto. E não por culpa dos preços; mas dos juros — que funcionam como reator das expectativas inflacionárias. Ou inflacionistas, melhor dizendo.

□□□ Banqueiros e poupadores simplesmente pegam carona nessa ciranda construída e operada pela ganstança pública.